

A CONTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CACHAÇA PARA A FORMAÇÃO DE RENDA DO TRABALHADOR RURAL: O CASO DE REGIÕES ECONOMICAMENTE CARENTES DO ESTADO DE MINAS GERAIS¹

Leonardo Henrique de Almeida e Silva²

Márcia Medeiros Mota³

Maria Cristina Drumond e Castro⁴

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar os impactos gerados pelo agronegócio da cachaça artesanal na formação de renda e geração de emprego para o trabalhador rural mineiro. O estudo será baseado na comparação da produção da bebida em relação à outros produtos considerados tradicionais na agricultura familiar do estado de Minas Gerais, como por exemplo, o leite e o queijo. Serão analisados os benefícios sócio-econômicos da produção em regiões economicamente carentes do estado, como o Norte e o Vale do Jequitinhonha, visto que concentram-se nelas a grande maioria dos alambiques mineiros. Para isso, será feita uma análise comparativa entre os dois últimos Censos Agropecuários, 1985 e 1995/96, visando definir o comportamento do setor e a contribuição média proporcionada pela bebida à renda dos produtores dessas regiões. O estudo apresenta ainda, algumas possibilidades para um maior desenvolvimento da produção de cachaça nessas regiões, contribuindo assim, para um maior crescimento auto- sustentável do setor agrícola como um todo.

Palavras-chaves: agronegócio, cachaça, agricultura familiar, emprego e renda.

¹ Este artigo é parte integrante do trabalho de conclusão do curso de graduação em Economia da UFJF, intitulado "A importância sócio-econômica da cachaça para o estado de Minas Gerais".

² Administrador de Empresas; Economista pela UFJF ; Mestrando em Economia pela UFES. E-mail: leonar.henrique@zipmail.com.br

³ Economista pela UFJF e Mestre em Economia Aplicada pela UFV; Professora do Departamento de Economia e Finanças da UFJF; Coordenadora e Professora da Faculdade de Ciências Econômicas Vianna Júnior – E-mail: mrezende@viannajr.edu.br

⁴ Economista e especialista em Agronegócio pela UFLA; Professora do Departamento de Economia e Finanças da UFJF; Professora da Faculdade de Ciências Econômicas Vianna Júnior – E-mail: drumond@fea.ufjf.br

INTRODUÇÃO

O agronegócio da cachaça consolidou-se nos últimos anos como importante segmento da agricultura do estado de Minas Gerais, tanto no âmbito social como no econômico⁵.

A produção da tradicional cachaça artesanal mineira gera atualmente cerca de 115.000 empregos diretos e acumula ao longo do seu ciclo produtivo uma receita anual de R\$1,4 bilhão. O estado possui 8.466 estabelecimentos produtores, onde 85% operam nas margens da ilegalidade, ou seja, não possuem registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento⁶.

Do total de estabelecimentos em Minas Gerais, 53% encontram-se localizados nas regiões do Norte, Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri. Isto demonstra uma forte influência da produção na economia dessas regiões, visto as graves restrições sócio-econômicas que atravessam. Ressalta-se ainda nessas regiões, a importância do aproveitamento dos resíduos originados da produção no desenvolvimento de outras atividades ocorridas dentro dos próprios estabelecimentos produtores, como por exemplo, a utilização do bagaço da cana como alimento para o gado⁷.

Neste contexto, o presente artigo irá demonstrar as características que marcam os impactos da produção da cachaça artesanal em regiões do estado de Minas Gerais assoladas pela falta de incentivos econômicos e políticos. Os estudos serão baseados na evolução da produção e número de estabelecimentos, ocorrida no período entre os Censos Agropecuários de 1985 e 1995/96, e ainda na contribuição média da bebida na formação da renda dos produtores dessas regiões. Serão apresentados também algumas sugestões para que o setor alambiqueiro dessas regiões possam aproveitar as potencialidades surgidas com o aumento do consumo de cachaça, o que, conseqüentemente, traria grandes benefícios para a população agrícola.

⁵ SEBRAE/MG. *Diagnóstico da Cachaça de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2001, 259 p.

⁶ *Ibidem*

⁷ CAMPELO, E.A.P. *Agronegócio da cachaça de alambique de Minas Gerais: panorama econômico e social*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v.23, n.217, p.7-18, setembro/outubro 2002.

O PAPEL DA CACHAÇA NO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR MINEIRA

A agricultura familiar é um segmento produtivo que guarda em sua trajetória histórica importante papel no desenvolvimento econômico e social de países e regiões. No Brasil, a segmentação do setor produtivo da agricultura tem, historicamente, na agricultura familiar um importante desencadeador e acumulador de renda e emprego. Isso ocorre pelo fato de, ao contrário da agricultura patronal, ela oportunizar ocupação para um expressivo contingente de mão-de-obra rural, representado em sua grande maioria pelos agricultores e suas famílias⁸.

Dentre as alternativas ou estratégias para o desenvolvimento da agricultura familiar, a indústria rural aparece como das mais promissoras, por contar com a crescente valorização dos consumidores aos produtos agroartesanais. Estes produtos têm, geralmente, na origem, a expressão de uma determinada marca, como é o caso de queijos, requeijão, doces, lingüiças e cachaças produzidas em algumas regiões de Minas Gerais⁹.

Segundo dados do Censo Agropecuário 1995-96, a produção de cachaça foi uma das atividades que mais evoluíram desde o último Censo, em 1985, tanto no número de alambiques produtores como em quantidade produzida, consolidando-se como importante setor gerador de renda e emprego para o estado¹⁰.

Para demonstrar essa evolução, será feita uma análise comparativa entre o desempenho da produção de cachaça neste período em relação a outros produtos da indústria rural, como queijo/requeijão, rapadura, farinha de mandioca e fubá de milho, e também com produtos considerados básicos para a alimentação, como arroz, feijão, mandioca, milho e leite. Posteriormente, será analisada ainda a contribuição média de cada um desses produtos para a renda das unidades familiares do estado. A tabela 1 mostra a variação no número de informantes e quantidade produzida dos produtos básicos citados, no estado de Minas Gerais. De acordo com a tabela a seguir, a quantidade produzida de leite foi a única variável que apresentou desempenho favorável. A maior queda no número de informantes e na quantidade foi observada na produção de arroz com -66,89% e -4,24%. As culturas de feijão, com -

⁸ OLIVEIRA, E.R. de; RIBEIRO, E.M. *Indústria Rural, Agricultura Familiar e Desenvolvimento Local: o caso da produção de cachaça artesanal em Salinas* - Minas Gerais. X Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina, 2002, 17 p.

⁹ *Ibidem*

¹⁰ IBGE. *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro, 1985.

38,29% e -3,42%, e mandioca, com -25,15% e -30,20%, respectivamente, também apresentaram quedas expressivas no número de estabelecimentos e na produção¹¹.

Tabela 1 - Número de informantes e quantidade produzida dos produtos básicos em Minas Gerais

Produtos	Arroz (t)		Feijão (t)		Mandioca (t)		Leite (mil litros)	
	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995
Informantes	233.834	77.411	354.486	218.764	93.203	69.764	3.457.259	3.426.615
Quantidade produzida	648.956	167.184	213.136	205.855	446.241	311.497	3.772.411	5.499.862
Variação % de informantes	-66,89%		-38,29%		-25,15%		-0,89%	
Variação % de quantidade produzida	-74,24%		-3,42%		-30,20%		45,79%	

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1985 e 1995-96

Destaca-se ainda nessa tabela o aumento de produtividade na produção de leite, fruto do acirramento da concorrência a partir da entrada de multinacionais no setor, onde, apesar de uma queda de 0,9% no número de estabelecimentos, houve um crescimento de 45% na produção¹².

Na tabela 2 será analisado o desempenho dos cinco produtos da indústria rural mineira em questão no intervalo entre os Censos¹³.

Tabela 2 - Número de informantes e quantidade produzida dos produtos da indústria rural em Minas Gerais

Produtos	Cachaça (em mil litros)		Queijo/Requeijão (t)		Rapadura (t)		Farinha de Mandioca (t)		Fubá de milho (t)	
	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995
Informantes	3.598	8.466	48.626	57.837	23.284	14.817	47.922	32.978	35.656	21.242
Quantidade produzida	14.557	44.665	35.394	72.604	27.416	17.004	49.800	26.882	101.857	39.213
Variação % de informantes	135,30%		18,94%		-36,36%		-31,18%		-40,43%	
Variação % de quantidade produzida	206,83%		105,13%		-37,98%		-46,02%		-61,50%	

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1985 e 1995-96

Dos cinco produtos apresentados na tabela, apenas o queijo/requeijão, com 18,94% e 105,13%, e principalmente a cachaça, com 135,30% e 206,83%, apresentaram crescimento no número de estabelecimentos e quantidade produzida, respectivamente. A

¹¹ IBGE. *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro, 1995/96.

¹² *Op. cit.*

¹³ *Op. cit.*

rapadura, com -36,36% e -37,98%, farinha de mandioca, -31,18% e -46,02% e fubá de milho, -40,93% e -61,50%, apresentaram quedas expressivas em seus índices. Com isso, dos nove produtos pesquisados, sendo quatro da produção de alimentos básicos e cinco da indústria rural, o que apresentou maior crescimento de informantes e quantidade produzida foi a produção de cachaça. A tabela 3, que demonstra a contribuição média dos produtos básicos e da indústria rural para estabelecimentos com até 100 hectares, vêm a reforçar o papel de destaque que a cachaça de alambique vem alcançando no estado nos últimos anos¹⁴.

Tabela 3 - Contribuição média de produtos agrícolas básicos e da indústria rural na complementação da renda dos agricultores do Estado para estabelecimentos até 100 hectares

Indústria Rural	Cachaça	Queijo/ Requeijão	Rapadura	Manteiga	Farinha de Mandioca	Doce de leite
PRODUTOS	R\$2.354,00	R\$1.975,00	R\$483,00	R\$416,00	R\$179,00	R\$1.681,00
	Milho	Leite	Arroz	Feijão	Mandioca	
Básicos	R\$ 209,78	R\$4.221,00	R\$98,00	R\$152,00	R\$212,00	

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995-96

A tabela demonstra que a cachaça é a atividade da indústria rural que apresenta, em termos médios, a maior contribuição para a renda das unidades familiares, R\$ 2.354,00. Este valor torna-se de maior importância na medida em que, ao observar-se os valores da contribuição da mandioca, apesar de ser a segunda maior dos produtos básicos, com R\$212,73, não representa 10% da contribuição da produção de cachaça¹⁵.

Com isso, perante uma agricultura globalizada, onde a atividade produtiva dentro da porteira não demanda mais tanto tempo, o desenvolvimento da indústria rural coloca-se como primordial para a manutenção da agricultura familiar e como importante fonte geradora de renda e emprego para milhares de mineiros¹⁶.

Ressalta-se ainda que levantamento realizado pelo SEBRAE/MG em 2001, mostrou que cerca de 39% dos alambiques do estado funcionam com mão-de-obra exclusivamente familiar. Dentre estes, a condição mais frequente, cerca de 65%, é a utilização de 2 a 3 integrantes, pessoas da família no processo de produção da cachaça. Como é estimado que a produção anual da bebida gera aproximadamente 115.000 empregos diretos no estado, somente na agricultura familiar seriam cerca de 45.000 trabalhadores beneficiados¹⁷.

¹⁴ *Op. cit.*

¹⁵ *Op. cit.*

¹⁶ SEBRAE/MG. *Diagnóstico da Cachaça de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2001, 259 p.

¹⁷ SEBRAE/MG. *Diagnóstico da Cachaça de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2001, 259 p.

Esta diversidade de atividades agrícolas vem, de certa forma, amenizar as perdas ocorridas na produção de alimentos básicos, conseqüentes de políticas governamentais adotadas nos anos 90, como por exemplo, a abertura comercial e as altas taxas de juros, e assim, consolidar-se como importante forma de complementar a renda dos pequenos agricultores mineiros¹⁸.

A CONTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE CACHAÇA PARA AS REGIÕES ECONOMICAMENTE MAIS CARENTES DO ESTADO: O CASO DO NORTE DE MINAS E DO VALE DO JEQUITINHONHA

A partir de meados do século 18 até a primeira metade do século 19, Minas Gerais assiste a transmissão de uma economia centrada na extração de ouro para uma economia mais diversificada e dinâmica. Nesta época ocorre uma disseminação de engenhos pela capitania, consolidando a hegemonia da produção de cana-de-açúcar e seus derivados na economia da região¹⁹.

Até o início da década de 1930, os engenhos eram responsáveis por dois terços do álcool e quase todo o açúcar, cachaça e rapadura produzidos no Estado. O restante era atendido pelas cinco usinas em operação desde o final do século 19. Porém, no início dos anos 30 foi criado o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) com o intuito de incentivar as usinas a produzirem álcool e açúcar em grandes escalas. Com isso, os engenhos foram progressivamente sendo eliminados ou obrigados a substituírem a sua atividade principal, a produção de açúcar e álcool²⁰.

Nas regiões de menor dinamismo econômico do Estado, o deslocamento da atividade canavieira para as usinas fez com que os engenhos se voltassem para a produção de rapadura e cachaça. Por esse motivo, o maior número de alambiques, desde esse tempo, está localizado nas regiões do Norte de Minas, Vale do Jequitinhonha – Vale do Mucuri e Rio Doce, que respondem hoje por 5.657 estabelecimentos, representando 67% do total do Estado²¹.

Nestas regiões, a produção de cachaça é geralmente associada à outras atividades agrícolas – como a plantação de milho e feijão, pecuária, dentre outras – como forma de complementar a renda e elevar o desenvolvimento auto-sustentável da população. A

¹⁸ *Op. Cit.*

¹⁹ CAMPELO, E.A.P. *Agronegócio da cachaça de alambique de Minas Gerais: panorama econômico e social*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 7-18, setembro/outubro 2002.

²⁰ *Ibidem*

utilização do bagaço de cana na alimentação bovina é também uma maneira de amenizar os danos gerados na agropecuária da região decorrentes das severas restrições hídricas²².

As tabelas seguintes apresentam, a título de exemplo, a evolução da produção de aguardente nas regiões do Norte de Minas e do Jequitinhonha ocorridos entre os censos agropecuários de 1985 e 1995/96. Por último, será analisada a contribuição média da bebida, em relação a outros produtos agrícolas, para a renda monetária das unidades familiares²³.

As tabelas 4 e 5 demonstram o desempenho de algumas atividades agrícolas tradicionais da indústria rural mineira nas regiões do Norte de Minas e Jequitinhonha, respectivamente²⁴.

Tabela 4 - A indústria rural na Mesorregião Norte de Minas

Produtos	Cachaça (em mil litros)		Queijo/ Requeijão (t)		Rapadura (t)		Farinha de Mandioca (t)		Fubá de milho (t)	
	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995
Ano	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995
Informantes	854	2.591	5.653	7.899	5.752	4.513	17.494	15.990	173	146
Quantidade produzida	1.992	8.893	2.103	5.662	5.132	3.765	21.492	13.078	414	108
Variação % de Informantes	203,40%		39,73%		-21,54%		-8,60%		-15,61%	
Variação % de quantidade produzida	346,44%		169,23%		-26,64%		-39,15%		-73,91%	

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1985 e 1995-96

Tabela 5 - A indústria rural na Mesorregião Jequitinhonha

Produtos	Cachaça (em mil litros)		Queijo/ Requeijão (t)		Rapadura (t)		Farinha de Mandioca (t)		Fubá de milho (t)	
	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995
Ano	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995	1985	1995
Informantes	762	1.527	4.604	3.197	2.358	2.501	12.165	6.913	1.510	390
Quantidade produzida	2.332	4.447	5.457	2.307	1.954	2.711	15.264	6.786	1.677	305
Variação % de Informantes	100,39%		-30,56%		-6,06%		-43,17%		-74,17%	
Variação % de quantidade produzida	90,69%		-57,72%		38,74%		-55,54%		-81,81%	

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1985 e 1995-96

Seguindo a tendência do estado como um todo, a produção de aguardente apresenta um crescimento expressivo em relação aos outros produtos. Na região do Norte de Minas, a aguardente apresentou um aumento de 346% no volume produzido e 203% no número de estabelecimentos produtores contra 169% e 39% na produção de queijo/requeijão,

²¹ *Ibidem*

²² *Ibidem*

²³ IBGE. *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro, 1985.

²⁴ IBGE. *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro, 1995/96.

o segundo colocado. Na região do Vale do Jequitinhonha, as variações no índices de crescimento na produção da bebida, foram inferiores às anteriores. Contudo, ainda assim, com um crescimento de cerca de 100% e 90% no número de informantes e quantidade produzida, contra um de 6% e 38% respectivamente, o avanço da produção de cachaça representou mais que o dobro da produção de rapadura, a segunda colocada²⁵.

A tabela abaixo demonstra a contribuição média de alguns produtos tradicionais para a formação de renda do agricultor mineiro²⁶.

Tabela 6 - Contribuição média de alguns produtos agrícolas na complementação da renda dos agricultores das mesorregiões Norte de Minas e Jequitinhonha e do Estado para estabelecimentos até 100 hectares

Produtos/ Mesorregiões	Cachaça	Queijo/ Requeijão	Leite	Feijão	Mandioca	Doce de leite	Arroz
Norte de Minas	R\$1.241,48	R\$754,52	R\$1.360,76	R\$127,72	R\$74,28	R\$1.119,77	R\$64,83
Jequitinhonha	R\$1.335,15	R\$996,70	R\$2.095,16	R\$100,00	R\$56,07	R\$1.055,47	R\$45,89
Minas Gerais	R\$2.354,00	R\$1.975,00	R\$4.221,00	R\$152,00	R\$212,00	R\$1.681,00	R\$98,00

Fonte: IBGE - Censo Agropecuário 1995-96

A tabela 6 consolida a importância econômica da produção de aguardente nessas regiões ao demonstrar a contribuição média de R\$1.241,48 e R\$1.335,15 para a renda dos alambiqueiros do Norte de Minas e Jequitinhonha, respectivamente. Com isso, da mesma maneira que no âmbito estadual, a produção de cachaça apresenta um papel de destaque na formação de renda do agricultor mineiro, sendo superada apenas pela produção de leite²⁷.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da nação é o objetivo primordial de qualquer esfera pública, seja ela federal, estadual ou municipal. A formulação de meios que possam facilitar o fim desejado é a função do Estado. O apoio ao desenvolvimento de setores caracterizados por uma importante função social e econômica para um elevado contingente de pessoas é uma das principais políticas utilizadas pelos governos nesse sentido. Neste contexto, as mudanças ocorridas no agronegócio da cachaça artesanal mineira, iniciadas com a criação da Associação dos Produtores de Aguardente de Qualidade (AMPAQ), em 1989, e do Programa Mineiro de

²⁵ *Op. cit.*

²⁶ *Op. Cit.*

Incentivo à Produção de Cachaça de Qualidade (PRÓ-CACHAÇA), em 1992, e apoiadas na busca de aumento de qualidade na produção, colocam governo, entidades empresariais e produtores diante do desafio de continuar a empreender as mudanças através de um grande arco de parcerias e avançar na consolidação do setor como uma importante fonte de riqueza e emprego, e também como forma de revigorar as tradições do estado.

A questão coloca-se como de maior relevância quando são analisadas regiões do estado com graves deficiências sócio-econômicas, como o Norte de Minas e o Vale do Jequitinhonha. Nestas regiões, a formulação de políticas visando a melhoria das condições de vida da população deve ser enfrentada como uma responsabilidade tanto do setor público quanto do privado, no sentido de ampliarem as oportunidades de crescimento e desenvolvimento de suas deficitárias estruturas econômicas.

Dentro do contexto de possibilidades para o desenvolvimento dessas regiões, o incentivo ao agronegócio da cachaça aparece como uma forma bastante viável para a criação de milhares de empregos, o que conseqüentemente geraria maiores fontes de renda para a população. Como, segundo dados do IBGE, aproximadamente 53% dos 8.466 estabelecimentos produtores de Minas Gerais encontram-se em regiões assoladas pela pobreza, as entidades mineiras poderiam desenvolver mecanismos visando apoiar o aumento do potencial produtivo do setor. Dentre as políticas de fomento que poderiam ser utilizadas para alavancar o impacto da produção de cachaça na economia agrícola dessas regiões, a prática do cooperativismo e o incentivo ao aproveitamento total da produção²⁸ apresentam-se como bastante promissoras. Porém, vale ressaltar que qualquer ação desta natureza deve ser apoiada e acompanhada de perto por técnicos e empresas especializadas no agronegócio da cachaça, como por exemplo, a AMPAQ, PRÓ-CACHAÇA e Empresa de Pesquisas Agropecuárias de Minas Gerais (EPAMIG), que se engajariam no processo de consolidação do setor como principal fonte de renda e emprego do meio agrícola das regiões do Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha.

A legalização das cooperativas entre produtores de cachaça, em 31 de outubro de 2002²⁹, foi um grande avanço para o desenvolvimento do setor, prometendo retirar das margens da ilegalidade grande parte dos alambiques mineiros. Esta mudança na legislação

²⁷ *Op. cit.*

²⁸ Como por exemplo, os resíduos da cana-de-açúcar e/ou a sua integração com outras atividades agropecuárias, como arroz e milho.

²⁹ BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 56, de 30 de outubro de 2002. Aprova normas relativas aos requisitos e procedimentos para registro de estabelecimentos produtores de cachaça, organizados em associações ou cooperativas legalmente constituídas. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília, 31 de outubro de 2002.** Seção 1, p. 6.

possibilitará uma maior arrecadação de impostos, por parte do estado, e uma consolidação da melhoria da imagem do setor. Em contrapartida, estes avanços poderão trazer cada vez mais investimentos para o agronegócio da cachaça mineira. Assim, com os mercados nacional e internacional francamente abertos à Cachaça de Minas, o cooperativismo possibilitará aos produtores dessas regiões aproveitarem as potencialidades surgidas e, conseqüentemente auferirem maiores receitas³⁰.

A associação da produção de cachaça com outras atividades rurais, como por exemplo, feijão e mandioca, é uma forma muito utilizada pelos produtores mineiros para aumentar a receita e reduzir os riscos da monocultura³¹. Uma outra importante forma de integração é a utilização das sobras não poluentes da produção de cachaça, como o bagaço, a ponta e o caldo da cana, na alimentação do gado e por porcos. Como a safra da cachaça concentra-se no período em que a seca é mais acentuada, a ponta de cana e o bagaço podem ser utilizadas na alimentação do gado como uma forma de substituir a falta de pasto. Em relação aos suínos, vários estudos têm mostrado que a cana e o caldo-de-cana podem ser utilizados como fonte de energia, substituindo parcialmente o seu principal alimento, o milho. Uma outra forma de integração suíno/cachaça é a utilização do bagaço picado como cama para os porcos, a qual é posteriormente transformada em matéria orgânica para as plantações³². Desta forma, a produção de cachaça de alambique apresenta-se com um alto valor econômico, abrindo enormes possibilidades para que a violenta opressão social e econômica com a qual convivem os trabalhadores agrícolas dessas regiões seja, em parte, amenizada.

A importância sócio-econômica e o papel de destaque que a produção de cachaça artesanal representa atualmente nas regiões em questão é algo consolidado pelos dados dos últimos Censos Agropecuários. Com isso, uma parceria envolvendo governos e entidades privadas em prol do desenvolvimento do setor teria grandes possibilidades de sucesso, aparecendo como uma oportunidade ímpar para que as desigualdades existentes na agricultura do estado sejam reduzidas³³. Desta maneira, a cachaça artesanal, " produto

³⁰ FERNANDES, R.G. *Cooperativismo e associativismo como âncoras do desenvolvimento econômico e social do setor*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 84-88, setembro/outubro 2002.

³¹ RODRIGUES FILHO, A.; OLIVEIRA, S.G. de. Produção de cachaça integrada com outras atividades rurais: uma alternativa para preservar o meio ambiente e aumentar a renda da propriedade. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 67-73, setembro/outubro 2002.

³² BARCELOS, A.F.; REZENDE, A.V. *Aproveitamento dos resíduos de destilarias de cachaça de alambique*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 74-77, setembro/outubro 2002.

³³ A cidade de Salinas, localizada no Norte do estado, é conhecida como a "capital mundial da cachaça", tem sua economia movida pela produção da bebida,. Atualmente, Salinas possui um dos maiores índices de crescimento do PIB no estado de Minas Gerais. No ano de 1995/96, por exemplo, enquanto a média do estado foi de 4,07%, a economia da cidade cresceu 12,96%. (ECONOMIA DO MUNICÍPIOS, Jornal Hoje em Dia, Caderno de Economia, 16/05/98, pag. 09)

destilado na tradição e envelhecido na história do estado de Minas Gerais”, tornaria-se uma importante alternativa para auxiliar na melhoria das condições de vida no meio rural dessas regiões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELOS, A.F.; REZENDE, A.V. *Aproveitamento dos resíduos de destilarias de cachaça de alambique*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 74-77, setembro/outubro 2002.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Instrução Normativa nº 56, de 30 de outubro de 2002. *Aprova normas relativas aos requisitos e procedimentos para registro de estabelecimentos produtores de cachaça, organizados em associações ou cooperativas legalmente constituídas*. **Diário Oficial (da) República Federativa do Brasil, Brasília, 31 de outubro de 2002**. Seção 1, p. 6.

CAMPELO, E.A.P. *Agronegócio da cachaça de alambique de Minas Gerais: panorama econômico e social*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 7-18, setembro/outubro 2002.

ECONOMIA DO MUNICÍPIOS, Jornal Hoje em Dia, Caderno de Economia, 16/05/98, pag. 09

FERNANDES, R.G. *Cooperativismo e associativismo como âncoras do desenvolvimento econômico e social do setor*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 84-88, setembro/outubro 2002.

IBGE. *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro, 1985.

IBGE. *Censo Agropecuário*. Rio de Janeiro, 1995-96.

OLIVEIRA, E.R. de; RIBEIRO, E.M. *Indústria Rural, Agricultura Familiar e Desenvolvimento Local: o caso da produção de cachaça artesanal em Salinas - Minas Gerais*. X Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina, 2002, 17 p.

RODRIGUES FILHO, A.; OLIVEIRA, S.G. de. *Produção de cachaça integrada com outras atividades rurais: uma alternativa para preservar o meio ambiente e aumentar a renda da propriedade*. Revista Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 23, n. 217, p. 67-73, setembro/outubro 2002.

SEBRAE/MG. *Diagnóstico da Cachaça de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2001, 259 p.